

Azzedine
e outras peças

Jaime Rocha



RELÓGIO D'ÁGUA



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodaguaeditores.blogspot.com

Título: Azzedine e Outras Peças
Autor: Jaime Rocha
Revisão de texto: Joana Serafim
Capa: Carlos César

© Relógio D'Água Editores, Junho de 2009

Se não encontrar nas livrarias o livro que procura da R. A., envie um e-mail para
relogiodagua@relogiodagua.pt

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Digital XXI — Soluções Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 295489/09

Jaime Rocha

Azzedine e Outras Peças

Introdução

Alguns

Revisões

Índice

1997

Morcegos

Personagens:

Dois casais, um de velhos camponeses e outro de jovens licenciados.

Velho

Velha

Rapaz

Rapariga

Descrição do lugar:

Campo, montanhas ao fundo, um rio, duas casas. A dos velhos é de pedra e possui ao lado uma pequena horta, com capoeiras. Sai fumo pela chaminé. A outra tem relva, um jardim e antena parabólica. Em frente da casa dos velhos vê-se um enorme freixo, um burro e uma carroça. Na dos jovens, há uma palmeira, uma piscina e um chuveiro de ar livre. Está uma carrinha estacionada, à porta. Entre as duas pequenas propriedades passa um rio com uma corrente forte, difícil de atravessar.

I Quadro

O velho está com o ouvido encostado a um rádio enorme, antigo, a ouvir as notícias. Ri-se, fica expectante, abana a cabeça, ri-se de novo, faz caretas, gestos. É a sua maneira de comentar as notícias. A velha está sentada a coser roupa. Às vezes vai mexer uma panela que está ao lume.

VELHA — Então?

VELHO — Deixa ouvir.

VELHA — Lá estão eles outra vez.

VELHO — Ai!

VELHA — Hoje foram para aí uns trinta, imagino, todos os dias morre gente. Nem preciso de ouvir as notícias, já sei com o que conto. Ontem houve quatro explosões e seis acidentes, um de comboio, dois com autocarros e três de automóveis. E sete mortes, dois suicídios e cinco assassinatos. Além da Cesaltina que morreu de velhice no hospital.

VELHO — Nada mau. Duas explosões e apenas um acidente. Um helicóptero que caiu. A culpa é deles, não se metessem lá.

VELHA — Então?

VELHO — Nada de especial, o mesmo de sempre.

VELHA — Qualquer coisa devem ter dito. Não inventaram nada?

VELHO — É o que eu te disse, são mesmo bons para a trombose. Porque é que julgas que nós vamos durar até aos noventa ou cem anos? E quem ainda não teve uma trombose, já não vai ter de certeza. Nós estamos até com muita sorte porque eles adoptaram o freixo.

VELHA — A continuar assim, vou mesmo acreditar. Mas eles referiram-se a eles, assim com nomes e tudo? Não terão confundido com melros ou perdizes?

VELHO — Não, senhor. Foi mesmo a eles. Porque é que te ia mandar calar se não estivessem a referir-se a eles?

VELHA — Jesus, Nosso Senhor, então é mesmo verdade.

VELHO — É.

VELHA — Então vai lá, mexe-te, fala com eles, diz-lhes isso.

O velho, junto à árvore, fala com os morcegos. Pega num.

VELHO — Anda cá meu lindo, dá-me a tua baba. Sabes o que eu ouvi agora na telefonia? Que a tua baba evita as trombozes. Toma, chupa este bocadinho de fígado de galinha.

VELHA — (*Enche uma panela com água*) Diz-lhe que estou a preparar um arroz de sangue.

VELHO — Gostas de arroz? Anda, vamos regar a horta.

A vida dos velhos corre numa grande normalidade, os dois a encher e a vazar baldes, depois com uma mangueira.

II Quadro

O rapaz toma banho num chuveiro no jardim da casa.

RAPAZ — Já está a ficar fria a água. O Verão vai-se embora mais cedo este ano. Porra! Brrr.

RAPARIGA — Sabes a melhor?

RAPAZ — O que foi?

RAPARIGA — Nem vais acreditar.

RAPAZ — Acho que já não tomo mais banho cá fora este ano.

RAPARIGA — Os morcegos vampiros possuem uma proteína que ajuda a evitar a paralisia.

RAPAZ — O quê?

RAPARIGA — Verdade. Nada que eu não desconfiasse.

RAPAZ — Como é isso, explica lá.

RAPARIGA — Já tenho matéria para a minha crónica. É uma proteína que possui efeitos anticoagulantes, que torna o sangue mais fluído. Estás a ver, uma pessoa que tenha uma trombose pode ser curada com a desmoteplase.

RAPAZ — Com quê?

RAPARIGA — É o nome da proteína. A ciência é uma coisa!

RAPAZ — Merda, está mesmo fria! Podes ir buscar-me uma toalha?
(Pausa) Espera, mas isso é horrível, saliva de morcegos vampiros! Sei lá se essa saliva foi de chupar a Isabel ou outra pessoa qualquer que nós conhecemos.

RAPARIGA — Tinhas que ir logo buscar a Isabel, não é?

RAPAZ — Foi o nome que me veio à cabeça.

RAPARIGA — Não posso ter uma coisa para te dizer, uma notícia que me entusiasme, uma merda qualquer, há-de vir logo a ex-mulherzinha ao barulho.

Os remédios é para tomar e esta pomada vai tirar-lhe as dores num instante.

Os jovens tratam dos velhos e despedem-se.

RAPAZ — Amanhã passamos cá mais cedo para ver como estão. É preciso é descansar o máximo.

RAPARIGA — E trazemos comida.

VELHA — Do que eu gostava era de umas amêijoas. E de um queijo da Serra para o meu Velho. Há quanto tempo ele não come um queijo da Serra!

RAPAZ — Ficam os dois por nossa conta. Nunca mais se vão sentir sozinhos.

VELHA — Para fazer um café ainda tenho forças!

RAPARIGA — Nem isso vai ser preciso.

Os velhos ficam abraçados e a tomar uma bebida quente, debaixo do mesmo cobertor. O pombo vem poisar na janela da casa.

VELHO — Nunca me senti tão bem.

VELHA — O que será amanhã o jantar?

VELHO — Se os filhos trouxerem peixe, quero peixe.

VELHA — Vamos agradecer aos morcegos?

VELHO — Depois, depois. Tão cedo não saio daqui.

VELHA — E ao burro.

VELHO — Burro velho, manhoso!

VELHA — É como tu!

VELHO — Como eu!

VELHA — Sim, como tu!

Enquanto escurece, ouvem-se risos.

VELHA — Está quieto. O raio do velho! Não querem lá ver? Quietos!

FIM